PROJETO PILOTO: APLICAÇÃO DO MÉTODO PARTICIP[ATIVA] NO MORRO DO QUILOMBO, FLORIANÓPOLIS - SC (S12)

Marina Aime Budnikar
Universidade Federal de Santa Catarina | marinabudnikar@gmail.com

Rachel Lopes Fernandes Fonseca
Universidade Federal de Santa Catarina | rachellopesfernandes@gmail.com

Gabriela Ferreira Ávila
Universidade Federal de Santa Catarina | gabrielaavi@outlook.com

Laura Pereira Feltrin
Universidade Federal de Santa Catarina | laurapfeltrin@gmail.com

Maria Eduarda Zimath Zanella
Universidade Federal de Santa Catarina | mariaezzanella@gmail.com

Sessão Temática 12: Assessoria técnica territorial e extensão universitária

Resumo: A pesquisa apresenta a aplicação do Método Particip[ATIVA] na comunidade do Morro do Quilombo, em Florianópolis, Santa Catarina. O método foi desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAM/UFSC) e junto ao Ateliê Modelo de Arquitetura e Urbanismo (AMA/UFSC) está realizando a aplicação prática, com a requalificação de dois terrenos públicos sem função social na comunidade. O processo tem como objetivo promover o desenvolvimento de espaços verdes urbanos, por meio do planejamento participativo. Entre os desafios encontrados, destaca-se a falta de infraestrutura para realizar as reuniões, além da dificuldade em integrar a comunidade. Apesar disso, o método demonstrou resultados significativos para o avanço do projeto, fortalecendo o senso de pertencimento, tendo potencial de proporcionar um espaço de convivência que contribua para o bem-estar da comunidade.

Palavras-chave: Planejamento participativo; Métodos participativos; Espaços verdes urbanos; Morro do Quilombo.

PILOT PROJECT: APPLICATION OF THE PARTICIP[ATIVA] METHOD IN MORRO DO QUILOMBO, FLORIANÓPOLIS – SC

Abstract: *The research presents the application of the Particip[ATIVA] Method in the Morro do Quilombo community in Florianópolis city, Brazil. The method was developed by the Laboratório de Psicologia Ambiental of Federal University of Santa Catarina (LAPAM/UFSC) and, together with the Ateliê Modelo de Arquitetura e Urbanismo (AMA/UFSC), is carrying out its practical application by requalifying two public plots of land without social function in the community. The process aims to promote the development of urban green spaces through participatory planning. Among the challenges encountered are the lack of infrastructure to hold meetings and the difficulty of integrating the community. Despite these challenges, the method has shown significant results for advancing the project, strengthening the sense of belonging, and having the potential to provide a shared space that contributes to the community's well-being.*

Keywords: *Participatory planning; Participatory methods; Urban green spaces; Morro do Quilombo.*

PROYECTO PILOTO: APLICACIÓN DEL MÉTODO PARTICIP[ATIVA] EM MORRO DO QUILOMBO, FLORIANÓPOLIS – SC

Resumen: *La investigación presenta la aplicación del Método Particip[ATIVA] en la comunidad de Morro do Quilombo, en la ciudad de Florianópolis, Brasil. El método fue desarrollado por el Laboratório de Psicologia Ambiental de la Universidad Federal de Santa Catarina (LAPAM/UFSC) y, junto con el Ateliê Modelo de Arquitetura e Urbanismo (AMA/UFSC), está llevando a cabo su aplicación práctica mediante la revalorización de dos terrenos públicos sin función social en la comunidad. El proceso tiene como objetivo promover el desarrollo de espacios verdes urbanos a través de la planificación participativa. Entre los desafíos encontrados, se destaca la falta de infraestructura para realizar reuniones, además de la dificultad para integrar a la comunidad. A pesar de ello, el método ha mostrado resultados significativos para el avance del proyecto, fortaleciendo el sentido de pertenencia y con potencial para ofrecer un espacio de convivencia que contribuya al bienestar de la comunidad.*

Palabras clave: *Planificación participativa; Métodos participativos; Espacios verdes urbanos; Morro do Quilombo.*

INTRODUÇÃO

A presença de áreas naturais no ambiente urbano tem a capacidade de proporcionar uma série de benefícios socioambientais. Dentre eles, atua com impacto na promoção de bem-estar e saúde mental para a população, assunto com crescente interesse na literatura (Scherer; Ferreira, 2024; Vidal et al., 2020). Os espaços verdes urbanos se configuram como áreas para lazer, circulação, atividade física, descanso e entretenimento, promovendo, além do bem-estar físico e psicológico dos cidadãos, o estabelecimento de relacionamentos sociais saudáveis, um maior engajamento social e também um incremento nas oportunidades de socialização (Castonguay; Jutras, 2009; Chiesura, 2004; Hansmann; Hug; Seeland, 2007; Lee; Maheswaran, 2011).

Esses espaços colaboram na purificação do ar e das águas, no controle do escoamento, na regulação do clima e dos ruídos, e na promoção da biodiversidade. Ademais, a presença de áreas naturais no ambiente urbano evidencia a importância desses espaços para o desenvolvimento e para a sensibilização ambiental, favorecendo a adoção de comportamentos de conservação, promovendo a afetividade em relação ao local e valorizando os espaços verdes na cidade (Chawla, 2002; 2007). No entanto, esses espaços têm se tornado cada vez mais reduzidos e, muitas vezes, degradados, o que propicia atividades ilícitas e gera insegurança, repelindo a população (Gomes; Soares, 2003; Martins et al., 2021).

Para responder a estas problemáticas, o planejamento participativo é uma abordagem metodológica alternativa que visa promover a coparticipação de diferentes indivíduos, grupos e setores da comunidade no desenvolvimento de projetos em territórios nos quais vivem e atuam (Martini; Torti, 2003). Por ser uma construção coletiva, fundamentada nos princípios de justiça social (Carli et al., 2015), esta prática se opõe a decisões hierárquicas (Vandresen et al., 2019) garantindo que todos os envolvidos tenham a mesma influência nas tomadas de decisão sobre a realidade em que estão inseridos (Gandin, 2021), emancipando os indivíduos, tornando-os politicamente mais ativos (Fenster; Misgav, 2014). Portanto, esta abordagem promove conexões profundas entre as pessoas e os espaços que habitam, qualificando as relações socioespaciais, reforçando o pertencimento ao lugar e à responsabilidade com a preservação urbana (Adams, 2002).

Embora a literatura evidencie os aspectos benéficos no envolvimento ativo da comunidade no planejamento urbano, também é possível identificar as dificuldades na implementação da metodologia, causadas especialmente pela lacuna da compreensão profunda da complexidade da realidade comunitária, mesmo sendo este o ponto central do seu êxito (Moran, 2004; Anaafo; Takyi, 2020; Kohl; Yli-Pelkonen, 2005). Visto que, a falha da compreensão desses aspectos pode resultar na falta de adesão à proposta colaborativa (Milligan et al., 2014; Umemoto, 2001), despolitizando o ativismo comunitário e levando ao desgaste do método (Cabello et al., 2018; Dennis Jr., 2006).

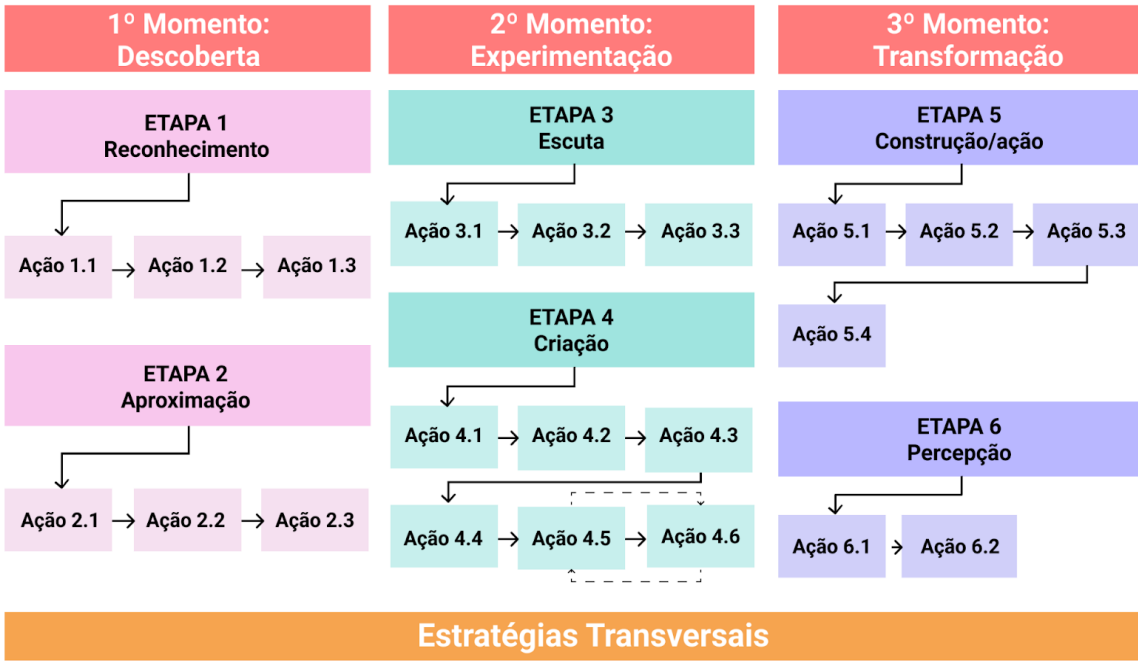
Além disso, desafios como a falta de padronização técnica e metodológica dificultam a implementação efetiva dos projetos (Shrestha; Flacke, 2019). Da mesma forma, conflitos de interesses entre grupos e a falta de infraestrutura, como acesso à internet, também podem ser apresentados como obstáculos capazes de comprometer a efetividade do planejamento participativo (Anaafo; Takyi, 2020; Abdul-Rahaman; Adusah-Karikari, 2019).

À luz destas compreensões, percebeu-se a necessidade da aplicação de uma proposta metodológica elaborada para incrementar os benefícios e mitigar as dificuldades intrínsecas ao planejamento participativo. Desta forma, o presente artigo busca descrever o andamento da aplicação piloto do Método Particip[ATIVA], formulado em resposta a estas necessidades.

METODOLOGIA: O MÉTODO PARTICIP[ATIVA]

O método Particip[ATIVA] (Figura 1) é fruto de uma pesquisa com maior amplitude desenvolvida no âmbito do Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAM/UFSC), tendo como objetivo geral a promoção do desenvolvimento de espaços verdes urbanos. Essa metodologia surge com a proposta de ser uma abordagem estruturada útil a projetos participativos que busquem uma maneira adaptável e flexível de criar espaços verdes urbanos em real comunhão com os atores envolvidos. Sendo assim, ela foi estruturada em quatro níveis, do mais amplo ao mais específico: (a) momento; (b) etapa; (c) ação; (d) instrumentos. Cada momento articula-se em etapas, que se desdobram em ações. E, por último, cada ação efetiva-se pela aplicação de instrumentos específicos.

Figura 1: Estrutura simplificada do método Particip[ATIVA]



Fonte: os autores, 2024.

Os momentos são as três grandes fases que estruturam o método, sendo eles: a Descoberta (corresponde ao ínicio); a Experimentação (desenvolvimento); e a Transformação (finalização

do processo participativo). Cada momento é composto por duas etapas, que correspondem às diretrizes gerais da atuação. Para executar as seis etapas, o método propõe diferentes ações.

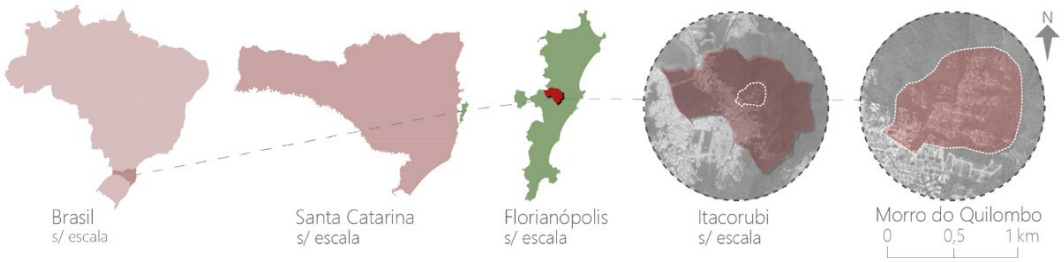
Por fim, foram previstas "estratégias transversais", que se referem àquelas atividades que não seguem uma ordem cronológica, estando presentes ao longo de todo o processo participativo. A primeira, a estratégia de coesão, consiste na promoção de atmosfera social amigável e receptiva, atuando na construção e manutenção dos laços comunitários. A segunda, por sua vez, é a estratégia de adaptação, que se refere à flexibilidade de aplicação do Método, que se ajusta às condições e possibilidades de cada contexto.

Para verificar e validar o método Particip[ATIVA], optou-se por desenvolver um projeto-piloto em uma zona urbana em vulnerabilidade. A escolha do local de aplicação deu-se a partir de representantes da comunidade do Morro do Quilombo, que entraram em contato com o Ateliê Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFSC (AMA/UFSC)[1], para discutir em conjunto soluções para um terreno público subutilizado dentro da comunidade. Considerando a demanda de caráter extensionista e o potencial para a aplicação do método, a implementação das atividades foi realizada de forma colaborativa pelo AMA e pelo LAPAM.

PROJETO-PILOTO: MORRO DO QUILOMBO

O Morro do Quilombo é uma comunidade situada na área de encosta do bairro Itacorubi, em Florianópolis, no estado brasileiro de Santa Catarina (Figura 2). O crescimento populacional dessa comunidade nas últimas décadas deve-se, majoritariamente, aos investimentos públicos e privados aplicados no Itacorubi, como a instalação dos campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (Sugai, 2002).

Figura 2: Localização da Comunidade Morro do Quilombo no Brasil.



Fonte: os autores, 2024.

No entanto, Cravo (2017) afirma que os investimentos no Itacorubi não incorporaram as partes de encosta, causando pouco impacto positivo na urbanização do Morro do Quilombo

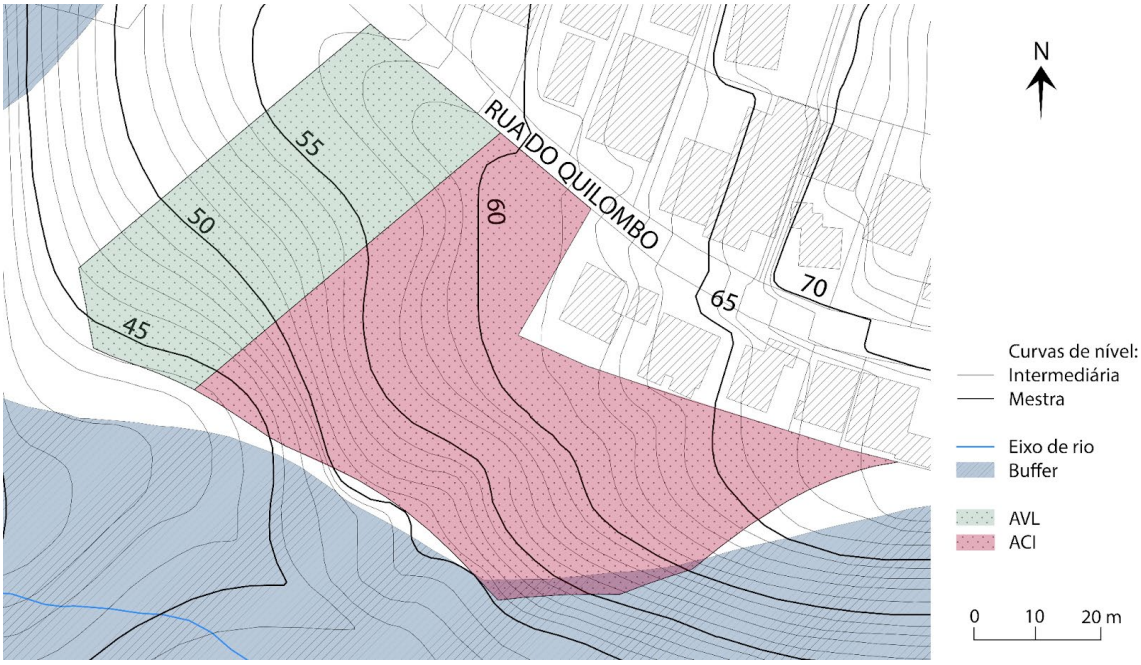
[1] O AMA/UFSC é uma entidade horizontal composta majoritariamente por estudantes de graduação e que atende a comunidades de baixa renda e populações sem possibilidades de acesso aos trabalhos desenvolvidos por profissionais da área da Arquitetura e do Urbanismo.

que, para o autor, configura-se como "um polo de atração do bairro para novos assentamentos informais nas suas bordas" (Cravo, 2017, p. 75). Nesse sentido, é possível traçar relações entre a implantação de equipamentos de grande porte e a segregação urbana, como o surgimento das universidades e as consequentes disputas emergentes sobre o espaço urbano de Florianópolis (Sugai, 2002).

Parte das ruas do Morro do Quilombo foram regularizadas até 1990. Sendo assim, criou-se uma nítida divisão entre moradores pré e pós esse período. Os mais antigos possuem casas de alvenaria e terrenos demarcados, enquanto os mais recentes ocupam áreas verdes com construções irregulares, em terrenos de encosta e situação de vulnerabilidade (Cravo; Rossetto; Storch, 2016).

O terreno indicado pelos representantes da comunidade para elaboração do projeto piloto possui área total de aproximadamente 5 mil m² (Figura 3) e é fragmentado em duas partes, classificadas como ACI - Área Comunitária Institucional e AVL - Área Verde de Lazer, segundo consta no Registro de Imóveis de Florianópolis.

Figura 3 - Terrenos públicos no Morro do Quilombo para a realização do projeto participativo.

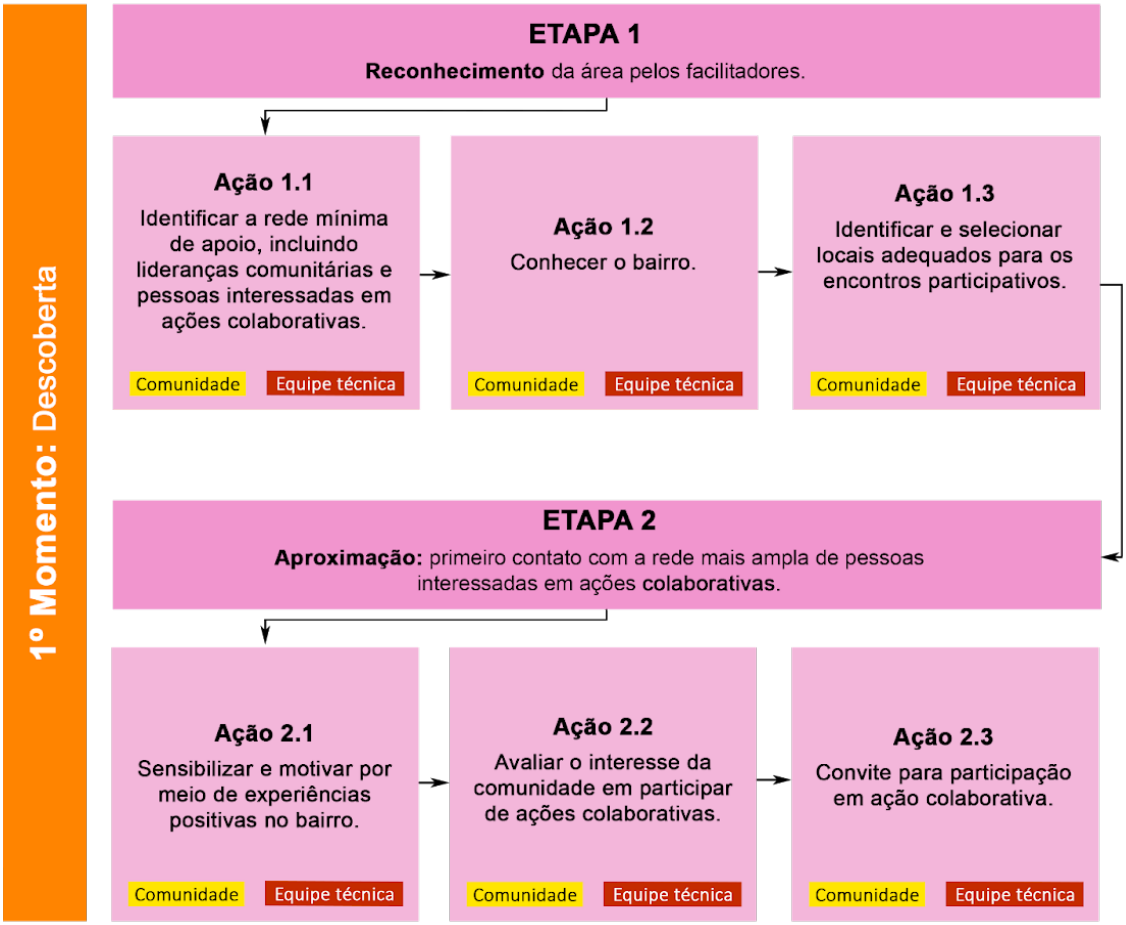


Fonte: autoras, 2024.

MOMENTO 1: DESCOBERTA

Composto por duas etapas com três ações cada, o Momento 1 (Figura 4) abrangeu o contato inicial com a comunidade que identificou os fatores físicos e sociais envolvidos, bem como a familiarização da comunidade com a equipe técnica.

Figura 4: Descrição das ações das etapas do Momento Descoberta do Método Particip[ATIVA].



Fonte: as autoras, 2023.

ETAPA 1: RECONHECIMENTO

A primeira etapa deste Momento consistiu na identificação básica dos elementos do bairro e dos atores que compunham a rede de apoio engajada. Nesse sentido, a Ação 1.1 do Método, que sugere "Identificar a rede mínima de apoio, incluindo lideranças comunitárias e pessoas interessadas em ações colaborativas", teve início por meio do requerimento por parte de uma representante da comunidade diretamente ao Ateliê Modelo de Arquitetura (AMA/UFSC). Através de conversas informais com essa informante-chave, também surgiram indicações de outros colaboradores. É importante destacar que esta representante já havia participado de outros projetos sociais em colaboração com a universidade, fator que facilitou o engajamento e compromisso da rede mínima de apoio com a realização do projeto participativo.

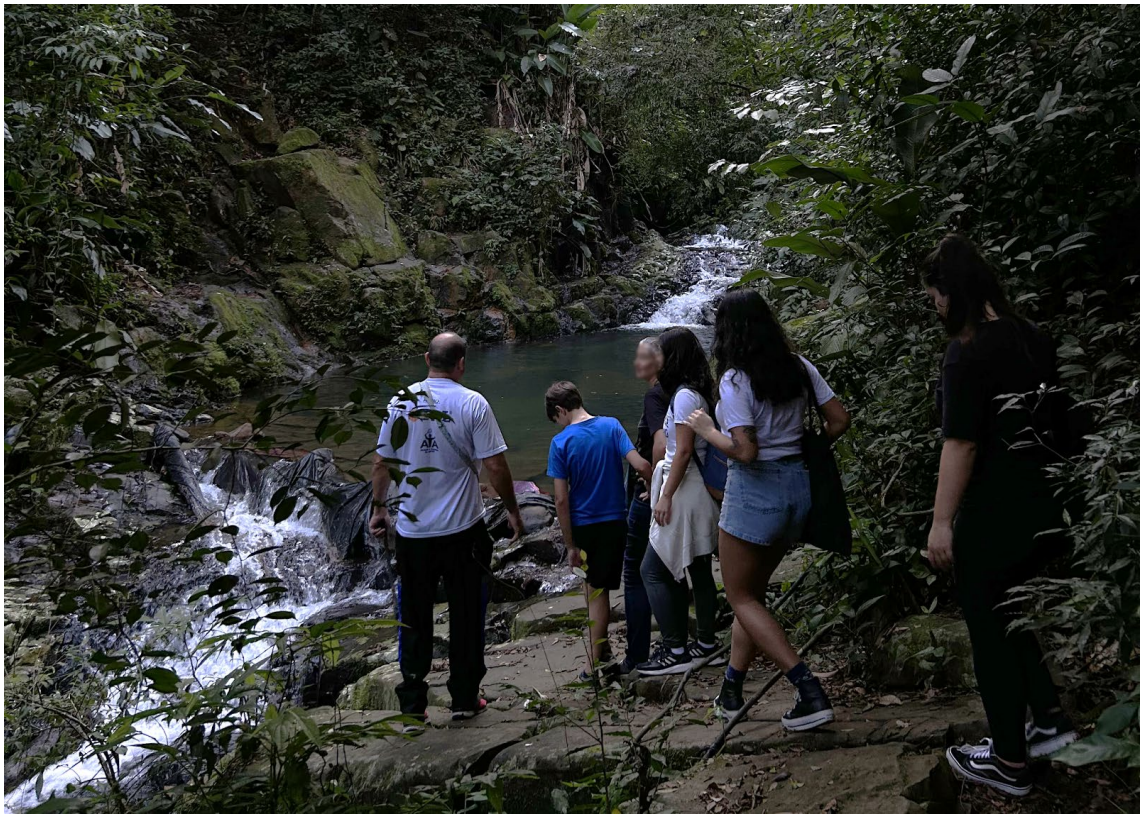
O segundo passo "Ação 1.2: Conhecer o bairro" foi realizado pela equipe técnica através de *walking tours* (caminhadas exploratórias pelo local) acompanhados por moradores da comunidade (Figura 5). Além disso, foram utilizados os instrumentos de percepção ambiental georreferenciada com anotações em mapa impresso e diários de campo, que ocorreram em três visitas distintas realizadas entre os anos de 2022 e 2024.

Figura 5: Desenvolvimento da Ação 1.2 do Método Particip[ATIVA]: conhecer o bairro, em novembro de 2023.

Fonte: as autoras, 2023.

Apesar da estrutura linear do Método Particip[ATIVA], a equipe facilitadora notou a necessidade de retomar certas ações de reconhecimento do bairro mesmo quando já havia se avançado sobre outro Momento. Nesse sentido, foi realizada uma caminhada pelas ruas e espaços verdes da comunidade em junho de 2024, acompanhada de um morador. Nessa visita, as pesquisadoras percorreram uma extensa subida, ainda em asfalto, que transformava-se em "chão-batido", levando a uma pequena trilha que desembocava em uma importante cachoeira (Figura 6). Esse espaço já havia sido citado diversas vezes por outros moradores como seu "lugar preferido" do bairro, destacando a afeição dos locais pelos espaços verdes de lazer e contemplação da natureza. Retornando da trilha e continuando a subida pelo morro, foi visualizada a ocupação vulnerável em crescimento do Morro do Quilombo (Figura 7).

Figura 6: Cachoeira visitada no desenvolvimento da Ação 1.2: conhecer o bairro, em junho de 2024.



Fonte: as autoras, 2024.

Figura 7: Visão da ocupação em crescimento no desenvolvimento da Ação 1.2: conhecer o bairro, junho de 2024.

Fonte: as autoras, 2024.

A imersão pelo bairro foi fundamental para a continuidade do processo, pois a equipe pôde aproximar-se da realidade do público alvo do projeto. Nesse sentido, visualizar os obstáculos habitacionais e percorrer os espaços públicos que carecem de planejamento na comunidade

entende-se como essencial para a sensibilização da equipe técnica e para aproximação com a realidade local.

Por fim, a última ação desta etapa "Ação 1.3: Identificar e selecionar locais adequados para os encontros participativos", realizada a partir de conversas informais com os moradores, identificou que a área carece de espaços adequados para os encontros do projeto participativo. Os locais utilizados para reuniões costumam ser as duas igrejas da comunidade e o salão da Associação do Bairro Itacorubi - ABI. No entanto, as igrejas apresentavam diversos empecilhos para a reserva do espaço e a Associação encontrava-se geograficamente distante do Morro do Quilombo.

Um local identificado como importante e cativante foi a praça central, onde foram realizados os dois primeiros encontros. Contudo, seu declive acentuado, a falta de local para sentar e os ruídos externos tornavam-nos menos produtivos. Num segundo momento, optou-se por realizá-los na garagem de uma moradora do bairro, mas constatou-se que parte dos moradores não estavam presentes por conflitos internos, evitando a convivência conjunta. Sendo assim, a ausência de espaço adequado caracterizou-se como uma dificuldade no desenvolvimento do projeto-piloto, pois os encontros participativos foram realizados em diferentes endereços e em locais com limitado potencial para a interação social de desenvolvimento de projetos.

De maneira geral, a Etapa 1, "Reconhecimento", foi concluída com êxito e mostrou-se de extrema relevância para o desenvolvimento das etapas seguintes, comprovado pela necessidade de retomada da ação 1.2 mesmo após a conclusão do primeiro Momento. No entanto, foram constatadas algumas dificuldades que corroboram com a literatura, como a dificuldade de integração e cooperação entre os grupos (Asha, 2014; Poolman; Van De Giesen, 2006; Riristuningsia; Harsono, 2017) e a falta de tempo e objetivos em comum entre os envolvidos (Kelty; Erickson, 2018; Kim; Kang, 2018; White, 2001).

ETAPA 2: APROXIMAÇÃO

Nesta etapa a equipe técnica intensificou o contato e estabeleceu laços de confiança com a comunidade local, identificando as pessoas dispostas a participar das próximas etapas do projeto.

A Ação 2.1 é nomeada pelo seu objetivo: "sensibilizar e motivar por meio de experiências positivas no bairro". Nesse contexto, a equipe facilitadora organizou um evento lúdico direcionado principalmente às crianças, uma vez que os moradores relataram a carência de atividades para esta faixa etária no bairro. Dessa forma, em dezembro de 2023, realizou-se o "Piquenique no Morro do Quilombo" (Figura 8), que incluiu atividades como música, oficina de argila, pula-pula, pintura facial, escultura de balão e pintura com tintas e lápis de cor. Durante o evento, de forma descontraída, a equipe facilitadora apresentou aos adultos os objetivos de promover um planejamento participativo, introduzindo o projeto de maneira informal e acolhedora.

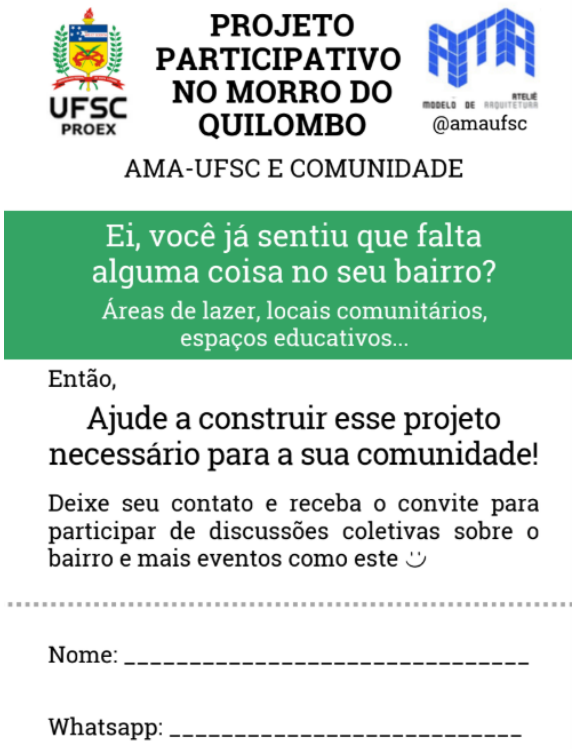
Figura 8: Atividades durante o piquenique no Morro do Quilombo (desenvolvimento da Ação 2.1).

Fonte: autoras, 2023.

O piquenique teve o impacto positivo esperado pela equipe facilitadora. A escolha do lugar foi adequada, pois a praça central localiza-se em um ponto de fácil acesso e visão da comunidade, chamando a atenção dos que passavam. No entanto, algumas dificuldades foram o horário de início da atividade, pois o calor intenso das 15h fez com que os moradores chegassem apenas a partir das 16h. Também existia uma expectativa de contar com maior presença dos adultos responsáveis, mas notou-se que a maioria das crianças chegava até a praça sozinha, fazendo com que o público alvo da ação participativa não fosse tão expressivo.

A Ação 2.2, que busca "Avaliar o interesse da comunidade em participar de ações colaborativas" teve início durante o piquenique, no momento em que a equipe técnica abordava os adultos presentes comentando sobre o terreno subutilizado e seu interesse em contribuir no projeto.

Figura 9: Panfleto elaborado para avaliar o interesse da comunidade em participar de ações colaborativas. (desenvolvimento da Ação 2.2).



Fonte: autoras, 2023.

Ao fim do piquenique foram obtidos 16 contatos, posteriormente adicionados a um grupo virtual. Além de manter uma comunicação direta com a rede mais ampla de interessados, o grupo teve como objetivo preservar os laços criados durante a transição de ano e de semestre acadêmico, que pode configurar-se como um ponto de fragilidade em projetos que envolvem grupos universitários.

Para a Ação 2.3: "Convite para participação em ação colaborativa", a equipe utilizou estratégias de divulgação por redes sociais influentes na comunidade, como o Posto de Saúde e a Associação de Moradores do bairro, além dos grupos virtuais existentes. A equipe técnica também realizou uma panfletagem pelas casas da comunidade, abordando os moradores pessoalmente (Figura 10).

Figura 10: Panfleto entregue na comunidade para a "Ação 2.3: Convite para participação em ação colaborativa".

Fonte: autoras, 2024.

Apesar da distância temporal entre o evento de sensibilização e o convite para o projeto participativo, notou-se interesse e aceitação positiva da comunidade. No entanto, a equipe facilitadora identificou que as estratégias de divulgação e panfletagem devem apresentar uma mensagem clara e explícita sobre o tema que será discutido e a necessidade de participação da comunidade. Caso contrário, a equipe poderia ser confundida com grupos religiosos ou políticos, com objetivos díspares ao universitário.

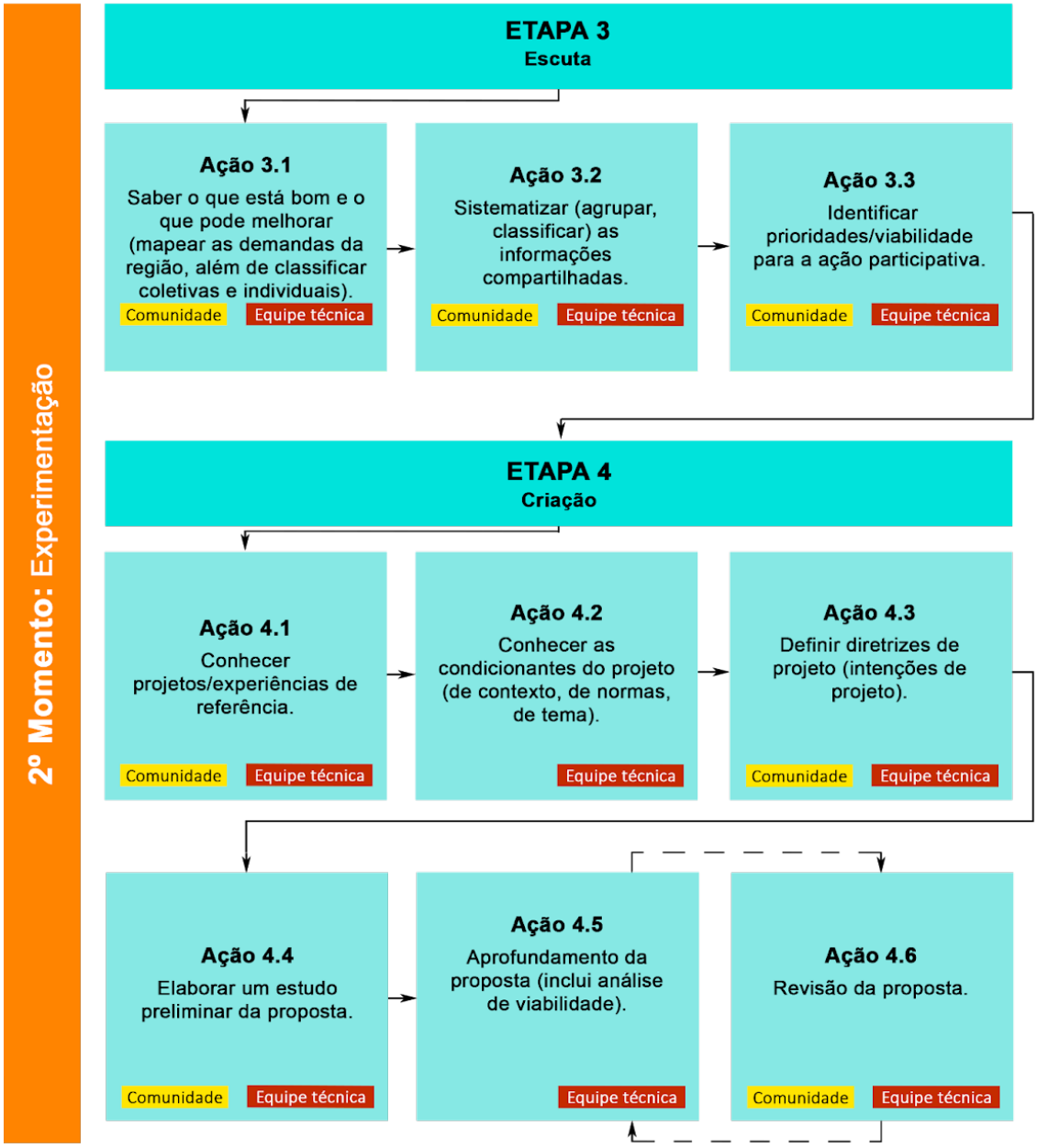
De modo geral, o "Momento 1: Descoberta" busca minimizar a distância entre comunidade e equipe técnica. A etapa 1.1 refere-se ao contato com a rede mínima de apoio (em geral, as lideranças) e a exploração da região, enquanto a etapa 1.2 consolida a ação participativa a partir do contato com uma rede mais ampla de interessados. Nesse sentido, a execução da etapa 1.2 diminuiu a dependência da equipe com a única liderança com a qual se tinha contato direto até então, possibilitando descentralizar a distribuição das informações na comunidade. Esse fator foi importante para aplacar alguns dos aspectos identificados como negativos na literatura, como a possibilidade de liderança ineficaz dos chefes de comunidade (Riristuningsia; Harsono, 2017) e a despolitização do ativismo comunitário (Wideman; Masuda, 2018).

MOMENTO 2: EXPERIMENTAÇÃO

O Momento 2 (Figura 11) refere-se ao desenvolvimento da proposta de intervenção no terreno subutilizado. Com intuito de entender as demandas da comunidade, identificar e

propor a intervenção final, a Etapa 3 foi concluída e a Etapa 4 está atualmente em desenvolvimento.

Figura 11: Descrição das ações das etapas do Momento Experimentação.



Fonte: as autoras, 2023.

ETAPA 3: ESCUTA

A primeira etapa do 2° Momento refere-se a Etapa 3: Escuta. Seu objetivo foi de aproximar a comunidade do problema que seria debatido nas oficinas participativas, levantando questões sobre o lugar onde moram e permitindo que a equipe facilitadora entenda os interesses, demandas e prioridades do grupo. Para promover essa discussão, foi planejado o "Café no Morro do Quilombo", com o objetivo de despertar o interesse dos moradores para um evento

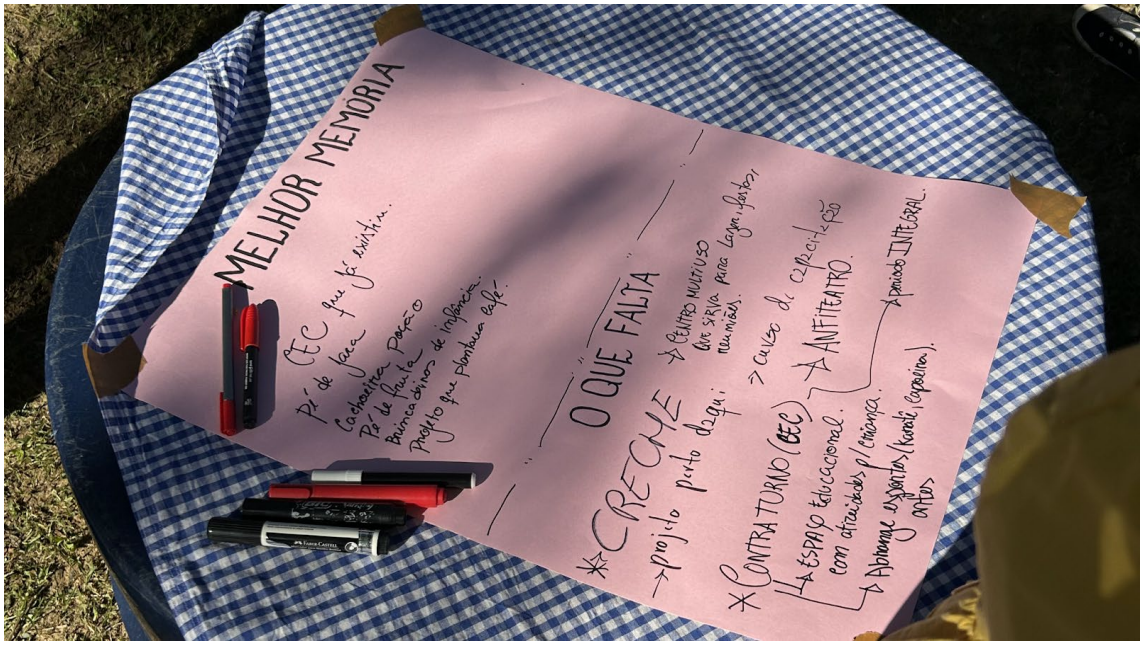
descontraído e leve. A comunicação referente ao convite para o evento foi realizada por meio de divulgação por redes sociais e por panfletagem, apresentada anteriormente (Figura 10).

Assim, com o Café realizado na Praça, pode-se contemplar todas as três ações da etapa 3: 3.1 - Saber o que está bom e o que pode melhorar, mapeando as demandas da região, além de classificar se coletivas ou individuais; 3.2 - Sistematizar as informações compartilhadas; e 3.3 - Identificar prioridades/viabilidade para a ação participativa).

O evento foi realizado com alterações da dinâmica pré-estabelecida pela equipe. Previamente ao evento, havia sido planejada uma dinâmica em grupos. No entanto, enquanto a equipe preparava as mesas e materiais para o evento, foi notável uma sensação de desconfiança e receio de aproximação por parte dos moradores. Essa situação pode ter sido acentuada pela escolha do local para realização do encontro, pois a praça, apesar de estar muito bem localizada dentro da comunidade, possui um relevo acentuado, escasso mobiliário urbano e expressivos ruídos das brincadeiras das crianças. Além do forte sol que dificultava o conforto dos participantes, como citado anteriormente.

Sendo assim, fez-se necessário uma adaptação na dinâmica que a tornasse menos estruturada e mais descomplicada. Iniciamos com um simples questionamento, permitindo a livre fala dos moradores: "o que você mais gosta no seu bairro?". Depois, fizemos as seguintes perguntas: "o que você menos gosta do seu bairro?, "qual sua melhor memória no Morro do Quilombo?" e "o que você considera que falta no bairro?". Simultaneamente, a equipe técnica anotava as respostas dos participantes (Figura 12). Essa ação transpareceu o interesse da comunidade em solucionar certas problemáticas e o engajamento de determinados moradores. Em certos momentos, o debate intensificava-se e tornava difícil a condução da discussão. Também foi possível notar uma divisão territorial da comunidade em dois grupos, cujas demandas e visões para a área divergiam em certos pontos.

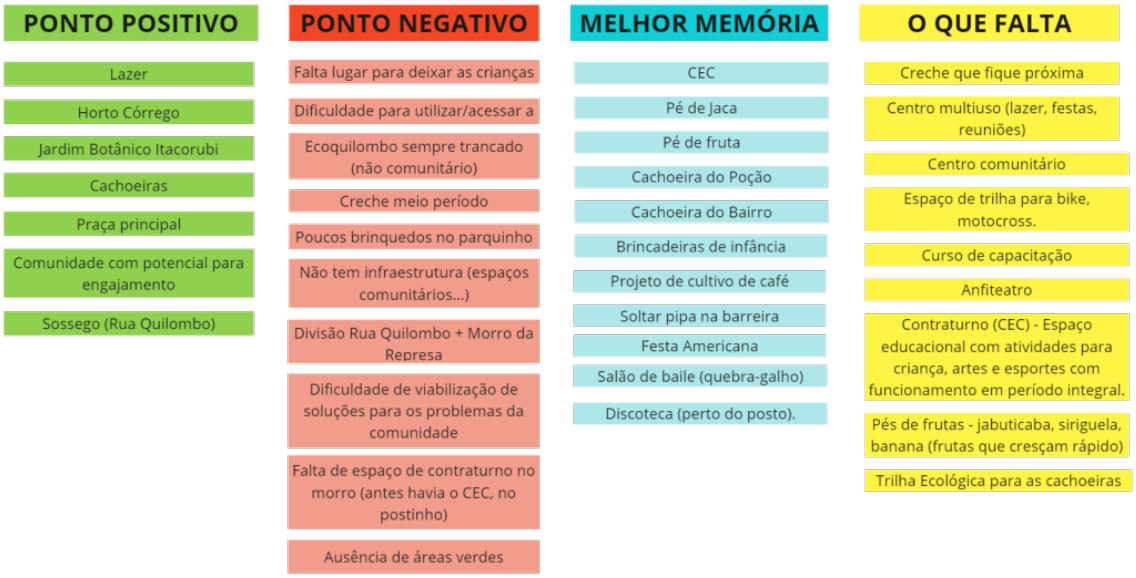
Figura 12: Anotações durante a dinâmica do Café no Morro do Quilombo (ação 3.1).



Fonte: as autoras, 2024.

Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de conhecer em profundidade o contexto dos moradores, a fim de atuar de forma coerente e abranger os residentes de todas as áreas da comunidade no projeto. Apesar da mudança de planos e da dinâmica espontânea, foi possível adquirir as informações necessárias para a etapa e garantir o contato direto com a comunidade, fortalecendo laços. Após o evento, os pontos citados pelos moradores foram organizados como mostra a Figura 13. Partindo do agrupamento em tópicos, foi realizada a categorização dos dados (Singer; Paulino, 2006) para evidenciar e interpretar a informação relevante referente à Ação 3.2.

Figura 13: Categorização de dados referente à Ação 3.2: Sistematizar as informações compartilhadas.



Fonte: as autoras, 2024.

Após a categorização dos dados do material agrupado, identificaram-se três categorias de demanda: as relativas à infância, as de infraestrutura e as ambientais. Como forma de identificar as prioridades, foram desenvolvidas três nuvens de palavras para cada categoria (Figura 14).

Figura 14: Nuvens de palavras para identificação de prioridades por grupo, referentes à Ação 3.3.

Nota: As cores são referentes aos pontos negativos (em vermelho); pontos positivos (verde); o que falta na comunidade (em amarelo) e a melhor memória (em azul).
Fonte: as autoras, 2024.

Analisando as nuvens de palavras, a equipe facilitadora pode realizar a definição preliminar de viabilidade e prioridade para o programa arquitetônico, que seria apresentado à comunidade para aprovação. Ele corresponde a um um espaço multiuso, que possa atender

a reuniões comunitárias, confraternizações, apresentações, atividades de contraturno escolar e capacitação profissional. O espaço físico deverá ser composto por um grande salão multiuso, salas de apoio, cozinha, banheiros, depósito, área de serviço e espaço externo que deverá estar conectado, cujo projeto permita praticar atividades de lazer, lúdicas e contemplativas ao ar livre.

Com essas definições preliminares sintetizadas, foi necessário organizar um terceiro encontro com a comunidade, a fim de validar a proposta de programa arquitetônico e avançar para a seguinte etapa do Método. No encontro finalizou-se a Etapa 3 e iniciou-se a Etapa 4, referente a criação. Em um balanço final, esta Etapa foi bem-sucedida, aplacando a falta de objetivos em comum entre os participantes, que é por muitas vezes apontada como uma dificuldade em métodos participativos (Kelty; Erickson, 2018). Desta forma, através do diálogo com a comunidade foi possível ouvir seus reais anseios, ordenando atitudes adequadas às suas necessidades.

ETAPA 4: CRIAÇÃO

Após a etapa de escuta das necessidades dos moradores, deu-se início a "Etapa 4: Criação", correspondente ao terceiro encontro participativo na comunidade. A primeira ação, "Ação 4.1", consistia em "conhecer projetos e experiências de referências" que poderiam se encaixar na proposta. Para isso, os membros da equipe facilitadora selecionaram exemplos de construções existentes relevantes para apresentação aos moradores da comunidade para discussão coletiva. Para a escolha dessas imagens, optou-se por selecionar figuras facilmente interpretáveis por um público leigo, evitando a utilização de imagens técnicas, como plantas baixas e cortes de edificações.

Além disso, procurou-se conhecer e entender as diversas condicionantes do projeto ("Ação 4.2: Conhecer as condicionantes do projeto"), tanto em relação ao contexto físico do terreno quanto às normas municipais vigentes. Para facilitar a visualização destas condicionantes, a equipe facilitadora desenvolveu uma maquete física (Figura 15), um recurso essencial diante das características desafiadoras do local, como o acentuado declive do terreno.

Figura 15: Maquete física do terreno.

Fonte: as autoras, 2024.

Após a compreensão dos moradores acerca do terreno, deu-se início à dinâmica relacionada às imagens previamente selecionadas. Foram apresentados cinco projetos, e cada participante recebeu dois blocos adesivos: um amarelo, para marcar sua referência preferida, e outro rosa, para indicar o projeto que menos lhe agradava (Figuras 16 e 17). Para o melhor aproveitamento da oficina participativa, optou-se por abordar a Ação 4.2 (relativa às condicionantes) antes da Ação 4.1 (apresentação de referências), mostrando a necessidade de poder flexibilizar a sequência de ações do método.

Figura 16: Apresentação da maquete do terreno e de suas condicionantes físicas (ação 4.2).

Fonte: as autoras, 2024.

Figura 17: Dinâmica para a seleção de referências (ação 4.1).

Fonte: as autoras, 2024.

O projeto que obteve mais votos positivos correspondia a um salão construído com blocos estruturais de concreto, utilizando um sistema modular que cria uma transição entre as áreas internas e externas. Por outro lado, os projetos que receberam mais quantidade de votos negativos eram os que apresentavam madeira como estrutura principal, uma alternativa que não agradou a comunidade devido a dificuldade de manutenção. Todos os comentários favoráveis e desfavoráveis foram registrados pela equipe, para servirem como base para a "Ação 4.3: definir diretrizes de projeto (intenções de projeto)".

O encontro destacou-se pela melhoria significativa na comunicação entre os participantes da comunidade e a equipe técnica, facilitando a execução das dinâmicas posteriores. Entretanto, vale ressaltar que apesar de ter sido uma oficina proveitosa em termos de participação e avanço nas ideias iniciais para o projeto, o local onde ocorreu o encontro não foi plenamente adequado, como relatado anteriormente na descrição da Ação 1.3.

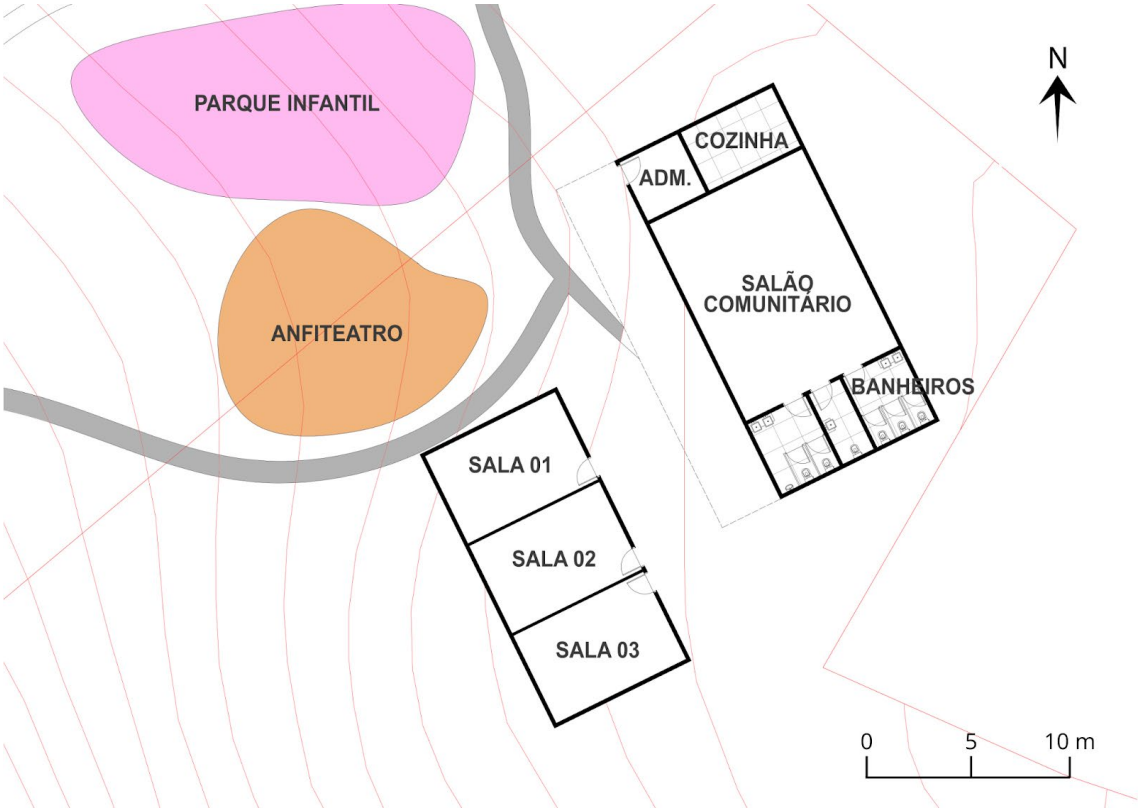
Após três encontros com a comunidade, a equipe iniciou a definição das diretrizes do projeto com base no programa de necessidades proposto pelos participantes das oficinas anteriores. O objetivo foi, sempre que possível, posicionar a proposta em áreas mais planas, minimizando o uso de pilotis e reduzindo significativamente o custo da obra. Além disso, é importante destacar que o ponto de ônibus da rua está localizado na fração mais favorável para a construção no terreno, levando à proposta de realocação desse ponto e permitindo um melhor aproveitamento da área.

A partir dessas análises, realizou-se o quarto encontro participativo, no qual foram retomadas as discussões das oficinas anteriores, com ênfase no programa de necessidades. Nesse

encontro, também foi apresentada a proposta elaborada pela equipe facilitadora para o lançamento do projeto (ação 4.4). A proposta demonstrava a implantação da edificação utilizando a parte mais plana do terreno e seguindo as curvas de nível. Decisão essa, tomada como partido do projeto.

A alocação da edificação busca situar a entrada central em espaço plano, facilitando a acessibilidade e dividindo a implantação em dois blocos (Figuras 18 e 19). Um destinado ao salão da comunidade e outro às salas de aula. O primeiro terá integração com a área externa através de uma grande varanda, e abrigará uma cozinha, banheiros e um escritório administrativo com acesso independente. O outro bloco será composto por três salas de aulas separadas por divisórias removíveis, proporcionando um espaço flexível para o ensino e desenvolvimento infantil.

Figura 18: Primeira sugestão de planta baixa.



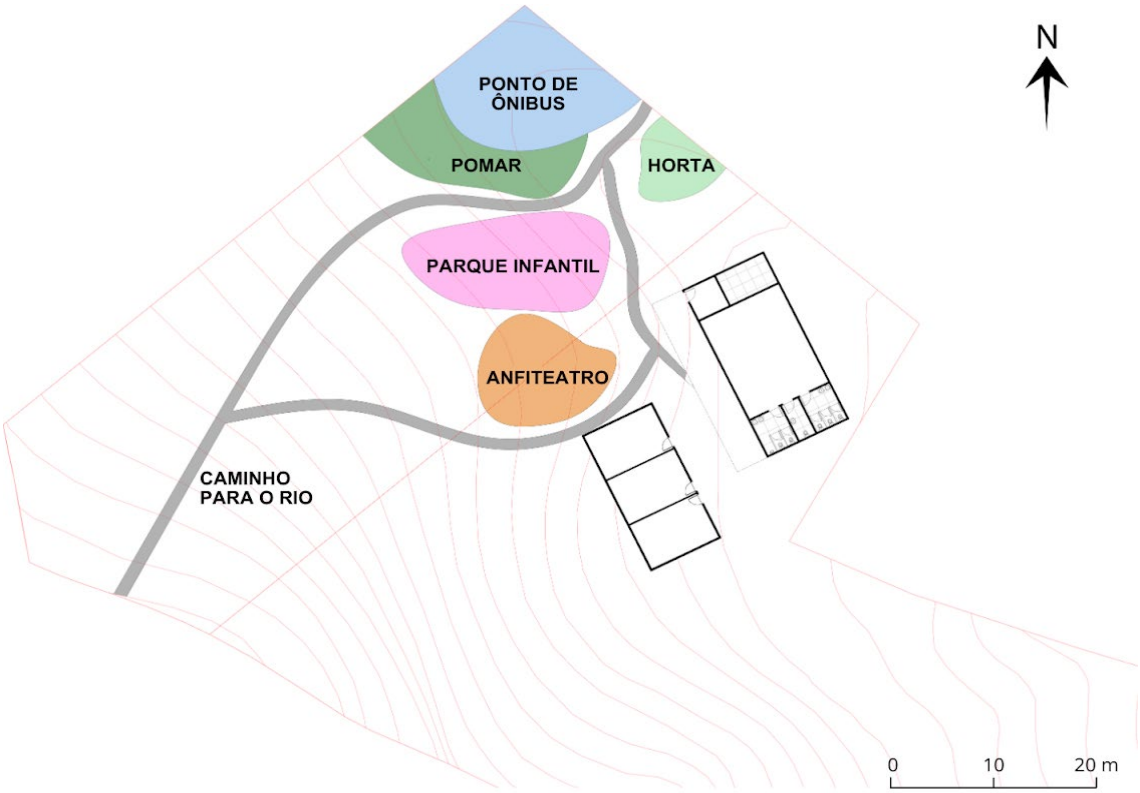
Fonte: as autoras, 2024.

Figura 19: Apresentação da proposta do projeto.

Fonte: as autoras, 2024.

Na área externa do terreno, o ponto de ônibus foi reposicionado para dar lugar a um pomar, criando uma transição para a área do parque infantil. Essa estratégia projetual proporciona maior segurança e promove uma conexão mais direta com a natureza. Além disso, a inclinação do terreno foi superada com a criação de patamares, o que possibilitou a inclusão de um anfiteatro. A organização das áreas resultou em dois caminhos que conduzem ao rio situado à margem do terreno (Figura 20).

Figura 20: Zoneamento do projeto proposto.



Fonte: as autoras, 2024.

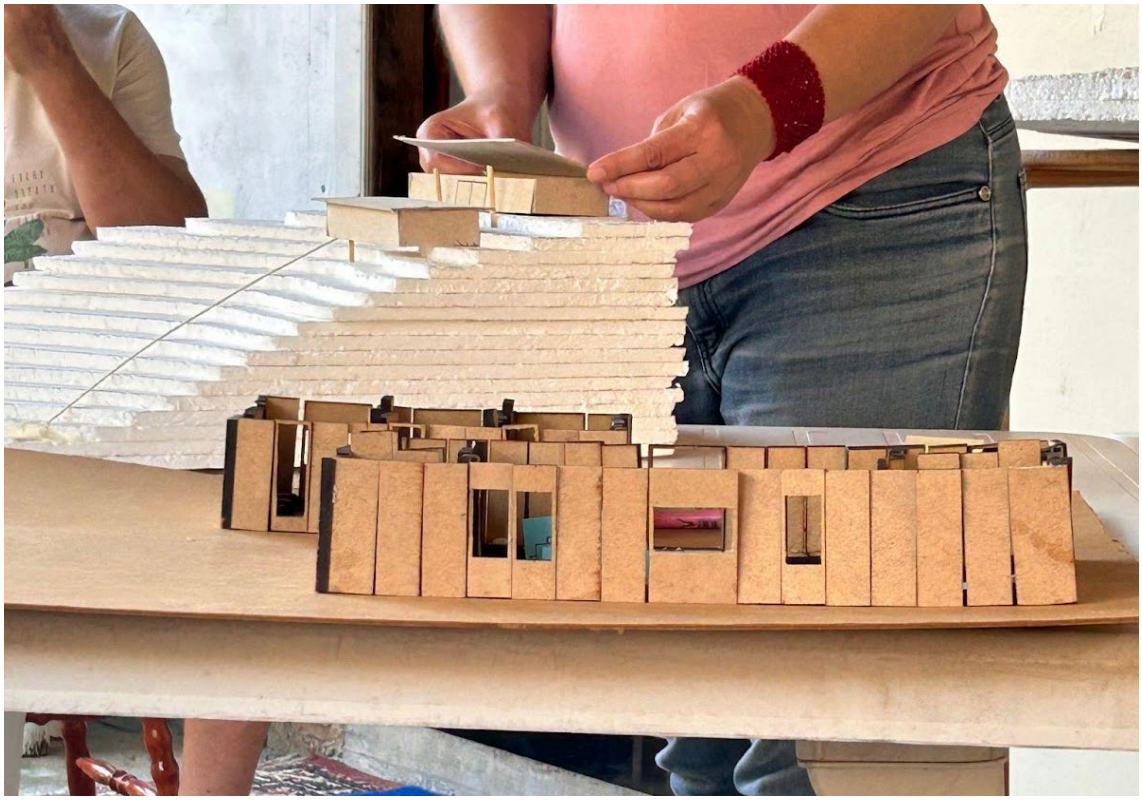
Após a elaboração projetual, apresentou-se a solução à comunidade em uma maquete aproximada do terreno (Figura 21), facilitando a visualização dos participantes. Esta proposta foi apresentada com módulos encaixáveis desenvolvidos em placas de MDF com corte a laser, que permitiam que a comunidade sugerisse modificações. Algumas sugestões foram feitas, como a adição de um banheiro no segundo bloco, onde estão as salas de aula, proporcionando maior facilidade para futuras expansões na edificação. Além disso, houveram pedidos para que a cozinha fosse integrada ao salão, com a adição de um tanque próximo a esta área. Também foi sugerida a inclusão de um depósito junto ao escritório, destinado a armazenar documentos e itens de maior valor.

Figura 21: Dinâmica dos módulos.

Fonte: as autoras, 2024.

Para a cobertura das edificações propostas (Figura 22), a comunidade preferiu evitar o uso de materiais metálicos, além de expressar preocupação com o calor. Houve, ainda, a sugestão de uma cobertura na transição entre os blocos, feita com materiais naturais, como o bambu, e decorada com flores, um desejo manifestado pelos moradores.

Figura 22: Maquetes físicas do projeto em diferentes escalas.



Fonte: as autoras, 2024.

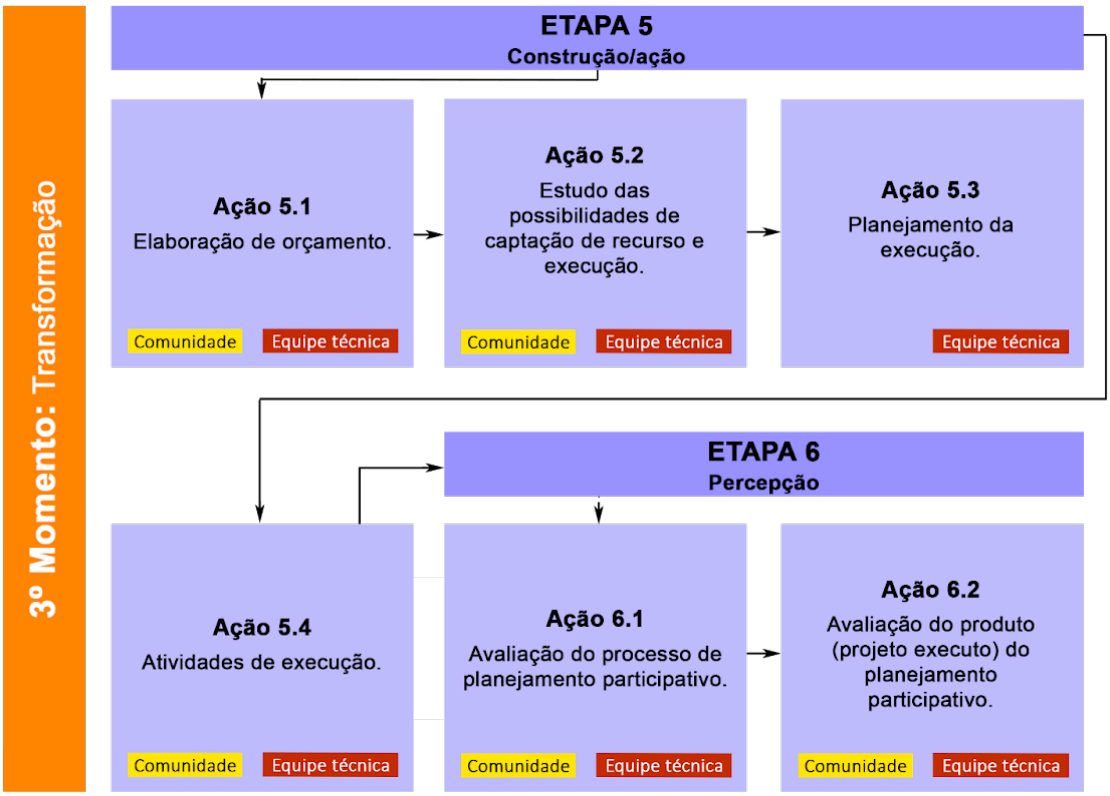
Apesar do número reduzido de moradores, quando comparado com os encontros anteriores, a contribuição da comunidade neste encontro foi significativa. Ainda nesse sentido, a equipe técnica avaliou a realização de encontros online com a comunidade, a fim de mostrar o desenvolvimento do projeto piloto e aproximar novos moradores, traçando novas estratégias de comunicação no grupo virtual.

Em suma, esta etapa buscou circundar possíveis erros de levantamento de dados reconhecidos pela literatura como possíveis empecilhos em métodos participativos (Rzeszewski; Kotus, 2019; Schroth *et al.*, 2011), a fim de promover o andamento da aplicação projetual. No momento atual, a equipe está desenvolvendo e aprofundando as alterações propostas, dentro da Ação 4.5: "Aprofundamento da proposta (inclui análise de viabilidade)", com objetivo de concluir o projeto-piloto até o final de 2024.

MOMENTO 3: TRANSFORMAÇÃO

O terceiro e último Momento, denominado Transformação (Figura 23), não foi iniciado até o presente estágio desta pesquisa. Ele abrange diferentes fases necessárias para viabilizar a construção do projeto e, posteriormente, avaliar a percepção da comunidade e os resultados do projeto executado. Este Momento é composto por duas Etapas, descritas a seguir:

Figura 23: Descrição das ações das etapas do Momento Transformação.



Fonte: as autoras, 2023.

Com intenção de mitigar problemáticas comuns à práticas participativas, como a má implementação de projetos (Asha, 2014) e a falta de recursos e de remuneração para os envolvidos (Abdul-Rahaman; Aducha-Karikari, 2019), este Momento busca considerar estas dificuldades de maneira atenta, com uma execução cuidadosa. A finalização do Momento 3 está prevista para ocorrer no início do segundo semestre do ano de 2025, com a entrega do projeto para a comunidade e subsequente avaliação do processo participativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar a aplicação-piloto do Método Particip[ATIVA], uma metodologia de planejamento participativo voltada à promoção de espaços verdes urbanos. O processo se encontra em andamento na comunidade do Morro do Quilombo, localizada na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, Brasil, e, dos três Momentos do Método, dois já se encontram finalizados, com previsão para finalização do terceiro no ano de 2025.

O Método Particip[ATIVA] foi inicialmente desenvolvido no âmbito do Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAM/UFSC), composto majoritariamente por pesquisadores de pós-graduação. Com a posterior inserção do Ateliê Modelo de Arquitetura e Urbanismo (AMA/UFSC) no projeto, pesquisa e extensão se uniram em uma atividade de troca de experiências e resultados tangíveis. Assim, o projeto promove uma ponte valiosa entre diferentes níveis da educação superior em prol do retorno à sociedade dos investimentos na Universidade Pública.

Foram identificadas limitações ao longo do percurso, como em relação às atividades realizadas pelos discentes envolvidos, que enfrentaram desafios significativos particularmente durante o período de transição entre as equipes com bolsas ativas no programa de extensão. Entre os desafios enfrentados com a comunidade, destacam-se o esvaziamento das oficinas e a divergência de opiniões, que, embora representem a pluralidade da comunidade, exigem estratégias específicas para garantir o engajamento contínuo e a construção coletiva de soluções. Ainda que a metodologia aplicada considere essas questões, é evidente a necessidade de adaptação constante e investigação de novas soluções para respeitar as particularidades do contexto e promover a inclusão de todas as vozes no processo decisório.

Concomitantemente, o sucesso do método está intrinsecamente ligado à capacidade de estabelecer uma conexão intensa e genuína com a comunidade. Nesse sentido, transformar os encontros formais em momentos de convivência mais descontraída, incluindo intervalos para confraternização e reconexão, mostrou-se uma prática essencial, estabelecendo um grupo com uma relação de pessoas ativas na vida comunitária. Assim, o projeto piloto demonstra o potencial do planejamento participativo como instrumento de transformação social, desde que aliado à sensibilidade e ao compromisso com as realidades locais.

A aplicação desempenhou um papel crucial na validação do método proposto, sendo um elemento de significativa relevância para seu aperfeiçoamento e consolidação. Neste projeto piloto inaugura-se o processo de lapidação do Método Particip[ATIVA], com foco em sua viabilização por meio da identificação de pontos fortes e fragilidades, promovendo uma dinâmica contínua de avaliação crítica e refinamento. Ademais, abre-se espaço para que futuras pesquisas de campo proponham novos aprimoramentos, ampliando as possibilidades de aplicação e eficácia do método.

REFERÊNCIAS

ABDUL-RAHAMAN, B. A.; ADUSAH-KARIKARI, A. The rhetoric and reality of development planning for rural development in Ghana: the case of East Gonja district in Northern Ghana. **Journal of Asian and African Studies**, v. 54, n. 5, p. 656-673, 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/0021909619836137.

ADAMS, G. Colaboração interdisciplinar e participação do usuário como metodologia projetual. In: RIO, V. D.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Orgs.). **Projeto de lugar:** colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa/PROARQ, 2002. p. 45–58.

ANAAFO, D., & Appiah Takyi, S. (2021). Spatial planning in the digital age: The role of emerging technologies in democratising participation in spatial planning in Ghana. **International Planning Studies,** 26(2), 117–129.

ASHA, A. A. Towards effective planning and implementation of the local development initiatives in Limpopo Province, South Africa. **Mediterranean Journal of Social Sciences**, v. 5, n. 20, p. 398-408, set. 2014. DOI: http://dx.doi.org/10.5901/mjss.2014.v5n20p398.

CABELLO, V., Kovacic, Z., & Van Cauwenbergh, N. (2018). Unravelling narratives of water management: Reflections on epistemic uncertainty in the first cycle of implementation of the Water Framework Directive in southern Spain. **Environmental Science & Policy,** 85, 19–27.

CASTONGUAY, G.; JUTRAS, S. Children's appreciation of outdoor places in a poor neighborhood. **Journal of Environmental Psychology**, v. 29, n. 1, p. 101–109, 2009.

CHAWLA, L. Insight, creativity and thoughts on the environment: Integrating children and youth into human settlement development. **Environment and Urbanization**, v. 14, n. 2, p. 11–22, 2002.

CHIESURA, A. The role of urban parks for the sustainable city. **Landscape and Urban Planning**, v. 68, n. 1, p. 129–138, 2004.

CRAVO, L. J. A.; ROSSETTO, A. M. ; STORCH, A. C. S. . Perspectivas de uma comunidade: O MORRO DO QUILOMBO, EM FLORIANÓPOLIS, BRASIL.. In: II Urbfavelas, 2016, Rio de Janeiro. **Seminário Nacional Urbanização de Favelas**, 2016.

CRAVO, L. J. de A. **Políticas públicas de uso e ocupação do solo urbano**: os planos diretores e a estruturação do bairro do Itacorubi, em Florianópolis/SC.. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes e Gestão Territorial) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

CARLI, B. D.; FREDIANI, A. A.; BARBOSA, B. R.; ASSIS COMARÚ, F. D.; SOUSA MORETTI, R. D. Regeneration through the 'Pedagogy of Confrontation': exploring the critical spatial practices of social movements in Inner City São Paulo as avenues for urban renewal. **Dearq,** v. 1, n. 16, p. 146–161, 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.18389/dearq16.2015.10.

DENNIS, S. F. Prospects for Qualitative GIS at the Intersection of Youth Development and Participatory Urban Planning. **Environment and Planning A: Economy and Space,** v. 38, n. 11, p. 2039–2054, 1 nov. 2006.

FENSTER, T.; MISGAV, C. Memory and place in participatory planning. **Planning Theory & Practice**, v. 15, n. 3, p. 349–369, 2014. DOI: https://doi.org/10.1080/14649357.2014.932427.

GANDIN, D. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. **Currículo sem fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 85-95, 2001. Disponível em: https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/a-posicao-do-planejamento-participativo-entre-as-ferramentas-de-intervencao-na-realidade,b68e38df-074d-450f-bdca-92daefaa9ec2. Acesso em: 14 fev. 2024.

GOMES, M. A. S.; SOARES, B. R. A vegetação nos centros urbanos: Considerações sobre os espaços verdes em cidades médias brasileiras. **Revista Brasileira de Paisagismo**, v. 7, p. 85–100, 2003.

HANSNANN, R.; HUG, S.-M.; SEELAND, K. Restoration and stress relief through physical activities in forests and parks. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 6, n. 4, p. 213–225, 2007.

KELTY, C.; ERICKSON, S. Two modes of participation: a conceptual analysis of 102 cases of Internet and social media participation from 2005–2015. **The Information Society**, v. 34, n. 2, p. 71–87, 2018. DOI: https://doi.org/10.1080/01972243.2017.1414092.

KIM, D.; KANG, J. E. Integrating climate change adaptation into community planning using a participatory process: the case of *Saebat Maeul* community in Busan, Korea. **Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science**, v. 45, n. 4, p. 669–690, 2018. DOI: https://doi.org/10.1177/0265813516683188.

KOUTSI, D.; STRATIGEA, A. Unburying Hidden Land and Maritime Cultural Potential of Small Islands in the Mediterranean for Tracking Heritage-Led Local Development Paths. **Heritage**, v. 2, n. 1, p. 938–966, 2019.

KOHL, J.; YLI-PELKONEN, V. The role of local ecological knowledge in sustainable urban planning: perspectives from Finland. **Sustainability: Science, Practice, & Policy**, v. 1, n. 1, p. 3–14, 1 mar. 2005.

LEE, A. C. K.; MAHESWARAN, R. The health benefits of urban green spaces: A review of the evidence. **Journal of Public Health**, v. 33, n. 2, p. 212–222, 2011.

MARTINI, E. R.; TORTI, A. **Fare lavoro di comunità:** riferimenti teorici e strumenti operativi. Roma: Carocci Editore, 2003.

MARTINS, G. N. *et al.* A relação da população urbana com as áreas verdes locais, segundo a percepção dos moradores de uma cidade da região metropolitana de São Paulo (Brasil). **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2021. Disponível em: https://revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/869. Acesso em: 28 out. 2024.

MILLIGAN, N. V., Nieuwenhuijsen, E. R., & Grawi, C. L. (2014). Using a participatory action strategic approach to enhance accessibility and participation in arts and cultural events: Results of four focus groups. **Disability and Health Journal,** 7(1), 105–113.

MORAN, M. F. (2004). The Practice of Participatory Planning at Mapoon Aboriginal Settlement: Towards Community Control, **Ownership and Autonomy.** Australian Geographical Studies, 42(3), 339–355.

POOLMAN, M.; VAN DE GIESEN, N. Participation: rhetoric and reality. The importance of understanding stakeholders based on a case study in Upper East Ghana. **International Journal of Water Resources Development**, v. 22, n. 4, p. 561–573, 2006. DOI: https://doi.org/10.1080/07900620600813191.

RZESZEWSKI, M.; KOTUS, J. Usability and usefulness of internet mapping platforms in participatory spatial planning. **Applied Geography**, v. 103, n. 1, p. 56–69, 2019.

RIRISTUNINGSIA, D.; WAHYUNADI, W.; HARSONO, I. Public participation in rural development planning (a study in Lopok Village, Lopok District, Sumbawa Regency – West Nusa Tenggara). **Jurnal Ekonomi dan Studi Pembangunan**, v. 9, n. 1, p. 57–64, 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.17977/um002v9i12017p057.

SHRESTHA, R., & Flacke, J. (2019). LEVERAGING CITIZEN SCIENCE TO ADVANCE INTERACTIVE SPATIAL DECISION SUPPORT TECHNOLOGY: A SWOT ANALYSIS. In **Anais de The International Archives of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences**, Dhulikhel, Nepal.

SCHERER, L. C.; FERREIRA, A. E. de M. A importância dos espaços verdes nas urbes e suas funcionalidades socioeconômicas e ambientais. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**, v. 1, n. 6, 2024. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/rescx/article/view/7602. Acesso em: 20 out. 2024.

SCHROTH, O. *et al*. Tool or Toy? Virtual Globes in Landscape Planning. **Future Internet**, v. 3, n. 4, p. 204–227, 2011.

SINGER, J. da M.; PAULINO, C. D. **Análise de Dados Categorizados.** São Paulo: Blucher, 2006. 648 p.

SUGAI, M. I. **Segregação silenciosa**: investimentos públicos e distribuição sócio-espacial na área conurbada de Florianópolis. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

UMEMOTO, K. (2001). Walking in Another's Shoes: Epistemological Challenges in Participatory Planning. **Journal of Planning Education and Research.** 21(1), 17-31.

VANDRESEN, L. *et al.* Participatory planning and quality assessment: contributions of a nursing management technology. **Escola Anna Nery**, v. 23, n. 2, p. 1-8, mai. 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0330

VIDAL, D. G. *et al.* Espaços Verdes Urbanos e Saúde Mental: Uma Revisão Sistemática da Literatura. *In*: 13º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, p. 427-436, 2018, Covilhã. **Actas [...]**. Lisboa: Edições ISPA, 2020. Disponível em: https://www.proquest.com/docview/2724236747?fromopenview=true&pq-origsite=gscholar&sourcetype=Dissertations%20&%20Theses. Acesso em: 20 out. 2024.

WHITE, S. S. Public participation and organizational change in Wisconsin land use management. **Land Use Policy**, v. 18, n. 4, p. 341–350, 2001. DOI: https://doi.org/10.1016/S0264-8377(01)00027-8.